

Literatura cuir no mercado editorial brasileiro contemporâneo: desafios para a representatividade¹

Mar Rodrigues FONSECA²

José de Souza MUNIZ JR.³

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Este trabalho reúne alguns dos resultados parciais de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo mapear os livros identificados como cuir lançados por quatro editoras brasileiras nos últimos 25 anos (1998-2023). Partimos da ideia de que, tal como indicado por Regina Dalcastagnè (2012), a literatura brasileira contemporânea é um espaço simbólico em que há um conflito para se ter acesso à voz. A pesquisa encontrou 199 livros marcados como cuir, o que representa 2% do catálogo das editoras estudadas. Constatamos a predominância de narrativas gays escritas por mulheres cis dos Estados Unidos. Concluímos que o mercado editorial brasileiro enfrenta desafios para se tornar verdadeiramente bibliodiverso

PALAVRAS-CHAVE: literatura cuir; mercado editorial brasileiro; bibliodiversidade; representatividade.

1 INTRODUÇÃO

Regina Dalcastagnè (2012) abre o livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* referindo-se à literatura como um espaço simbólico em que as vozes dos autores constroem sentidos e, nesse espaço, há um conflito para se ter acesso à voz. Considerando que os personagens e seus contextos constroem representações de mundo(s), torna-se um ponto problemático que poucos grupos sociais tenham espaço nesse campo, tornando pouco diverso o conjunto de representações ali presentes. A literatura a que a autora se refere é não só aquela validada pela crítica e academia, próxima da definição dada por Compagnon (1999), mas também aquela legitimada por editores, por professores e por outras instâncias do campo. Essa definição abre espaço para a legitimação que provém do mercado, do ato de publicar. Nesse sentido, nossa análise se

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Estudos de Linguagem CEFET-MG, e-mail: mar.rodriques.fonseca@outlook.com.

³ Orientador do trabalho. Professor da Pós-graduação em Estudos de Linguagem CEFET-MG, e-mail: jmunizjr@cefetmg.br.

debruça sobre livros publicados, entendendo que pertencer a uma casa editorial é um dos elementos fundamentais que caracterizam um texto como literário.

Mário César Lugarinho (2003) afirma que o cânone, ou seja, a literatura legitimada pela crítica, é o reflexo da vida idealizada das elites. Tanto esse autor quanto Dalcastagnè (2012) destacam que o espaço literário, que auxilia na formação dos sujeitos, é dominado principalmente pelo homem branco cisgênero de classe média. Por isso, pode-se observar uma homogeneidade nos tópicos e nas representações do outro, sendo o outro toda identidade fora desse eixo hegemônico. A autora enfatiza:

Assim, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis e solidários a seus problemas, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. (Dalcastagnè, 2012, p.26)

Então, para que se possa construir efetivamente a bibliodiversidade, é importante que pessoas de diversos grupos sociais tenham acesso à voz no campo. Temos que considerar, ainda, que o livro não é apenas um bem simbólico de distinção social, mas também um produto que existe dentro de uma cadeia produtiva e do qual, muitas vezes, espera-se que gere lucro. Nesse sentido, o mercado editorial frequentemente adota uma postura conservadora, já que não aposta em novas ideias, reafirmando os mesmos temas e autores (Schiffrin, 2001). É nesse contexto de autocensura (Schiffrin, 2001) que a literatura *cuir* precisa se inserir, enfrentando para isso diversas barreiras.

Aqui entendemos *cuir* como derivado do termo norte-americano *queer* e utilizado em pesquisas da América Latina, mas em uma perspectiva decolonial que tenta abranger questões de classe, raça e etnia (Brito, 2021). A expressão é:

utilizada como forma de autodesignação repetindo e reiterando vozes homofóbicas que assinalam a abjeção daquele que é denominado *queer*, mas descontextualizando-as desse universo de enunciação, já que se atribui valores positivos ao termo, transformando-o numa forma orgulhosa de manifestar a diferença, pode ocasionar uma inversão da cadeia de repetição que confere

poder a práticas autoritárias precedentes, uma inversão dessa historicidade constitutiva (Butler, 2022).

A perspectiva decolonial faz parte da pesquisa, embora os dados pareçam indicar uma construção de mercado fortemente marcada por processos (neo)coloniais. Para nós é importante lançar esse olhar sobre um *corpus* majoritariamente populado por livros norte-americanos, porque é necessário exercer a crítica a esse conjunto de títulos, que, em alguma medida, ocupam posição hegemônica e contribuem para a constituição das ofertas de leitura.

Considerando tais aspectos, este estudo propõe analisar a publicação de livros de ficção com representatividade LGBTQIA+, não no sentido de criar um cânone próprio da comunidade, como Lugarinho (2003) sugere, mas com o objetivo de discutir os processos de legitimação pelo mercado, tal como propõe Compagnon (1999). A intenção é, portanto, compreender as condições da presença dessa literatura no mercado editorial brasileiro. Considerando a discussão de Dalcastagnè (2012) sobre a literatura à margem do campo, buscamos compreender o que acontece quando essa literatura marginal passa a integrar o centro: mesmo que tenhamos livros como *Heartstopper* e *Vermelho, Branco e Sangue Azul* na lista dos mais vendidos do Publishnews de 2022, eles são uma exceção ou um exemplo de inclusão?

2 METODOLOGIA

Os resultados parciais aqui expostos baseiam-se em dados quantitativos obtidos por meio de levantamento que considera os livros de ficção LGBTQIA+ publicados no Brasil no período de 1998 a 2023. O objetivo é entender se as narrativas *cuir* constituem uma tendência de mercado e, se sim, como se dá o seu processo de surgimento e ascensão.

As editoras do *corpus* foram selecionadas com base em uma pesquisa exploratória que tinha por objetivo compreender quais casas editoriais tinham maior volume de títulos *cuir*. Essa pesquisa foi realizada em sites de venda, mas também em páginas de blogs literários. Encontramos 13 livros do grupo Companhia das Letras (sendo 8 da Companhia das Letras, 4 da Seguinte e 1 da Paralela), 9 do grupo Record (sendo 5 da Galera, 3 da Record e 1 da Verus), 4 do selo Globo Alt, 3 da Intrínseca, 2 da Arqueiro, 2 da Todavia e 1 de editoras variadas. Optamos por analisar os catálogos dos 4 primeiros (Companhia

das Letras, Record, Globo e Intrínseca), considerando a quantidade de livros encontrados na pesquisa exploratória.

Para essa análise exploratória, consideramos aqueles títulos de ficção (inclusive reedições) marcados pelas próprias editoras como sendo títulos de temática LGBTQIA+ ou similares. Entretanto, compreendemos as limitações que isso gera, uma vez que as formas de classificação adotadas por cada empresa podem não corresponder a critérios de representatividade adequados a um estudo com rigor acadêmico. Em fase posterior da pesquisa, esse recorte será problematizado à luz de uma discussão relativa às formas de representatividade na ficção, ou seja, à presença de personagens e enredos LGBTQIA+ como constitutivas de uma literatura cuir.

Foi feita a busca no catálogo ativo que consta no site das editoras. O site do Grupo Companhia das Letras possui uma aba que agrega os livros LGBTQIA+, com possibilidades de filtros por ano, temas, países e selos, o que facilitou o processo de busca. O Grupo Record utiliza a tag LGBT em seus livros, mas não é possível acessá-la de forma direta; ou seja, é necessário entrar na página do livro e procurar por ela. Foi solicitada à empresa uma lista dos livros cuir publicados, mas a lista fornecida via troca de e-mails apresentou divergências com os dados coletados previamente. Para fins de análise, foram incluídos os livros listados em ambas as situações. O site da Globo Alt não tem nenhum espaço dedicado para os livros cuir, nem seu mecanismo de busca aceitava termos; então, a coleta de dados foi feita manualmente no catálogo. Por fim, o site da Intrínseca possui uma tag para os livros LGBTQIA+, mas ela contém poucos títulos; por isso, foi necessário fazer uma busca título a título.

Nesse levantamento, foram encontrados 199 livros cuir, que compõem o *corpus* deste trabalho. Além das informações de título e ano de publicação, foram coletadas a autoria, o selo de publicação (quando aplicável), o país de origem do autor e sua identidade de gênero, e a classificação temática dentro do catálogo. Tanto para a nacionalidade quanto para as identidades de gênero dos autores, foram consideradas informações disponíveis na mídia. Para a variável gênero, quando não foi possível encontrar informações, os autores foram considerados como cisgênero. Apesar do risco de categorizar de forma errônea algum autor, ou de não contemplar alguma pessoa que ainda não se assumiu publicamente, essa coleta foi feita com o intuito de compreender o

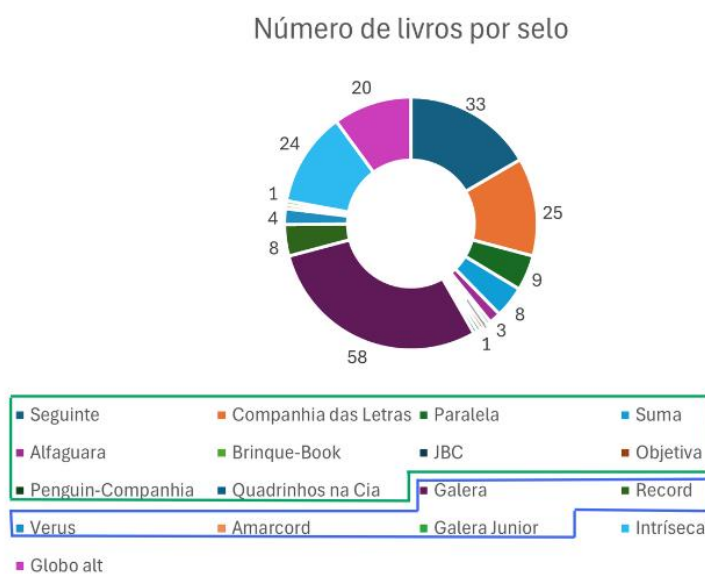
espaço que essas identidades têm na construção das autorias, principalmente em relação a pessoas transgênero.

3 RESULTADOS

A pesquisa encontrou 10.760 livros nos catálogos ativos das editoras selecionadas e um total de 199 livros identificados como de literatura cuir, sendo 84 do Grupo Companhia das Letras (33 da Seguinte, 25 da Companhia das Letras, 9 da Paralela, 8 da Suma, 3 da Alfaguara, 1 da Brinque-Book, 1 da JBC, 1 Objetiva, 1 da Penguin-Companhia e 1 da Quadrinhos e Cia.); 72 do Grupo Record (58 da Galera, 8 da Record, 4 da Verus, 1 da Amarcord e 1 da Galera Junior); 24 da Intrínseca; e 20 do selo Globo Alt.

Podemos observar que as publicações se concentram nos selos jovens das editoras (Figura 1), o que nos leva a concluir que os conflitos e vivências representados estão relacionados com mais frequência ao período da adolescência e aos primeiros anos da fase adulta. Nesse contexto, entendemos que narradores e personagens mais velhos não serão devidamente contemplados, invisibilizando a vivência de pessoas LGBTQIA+ com mais idade.

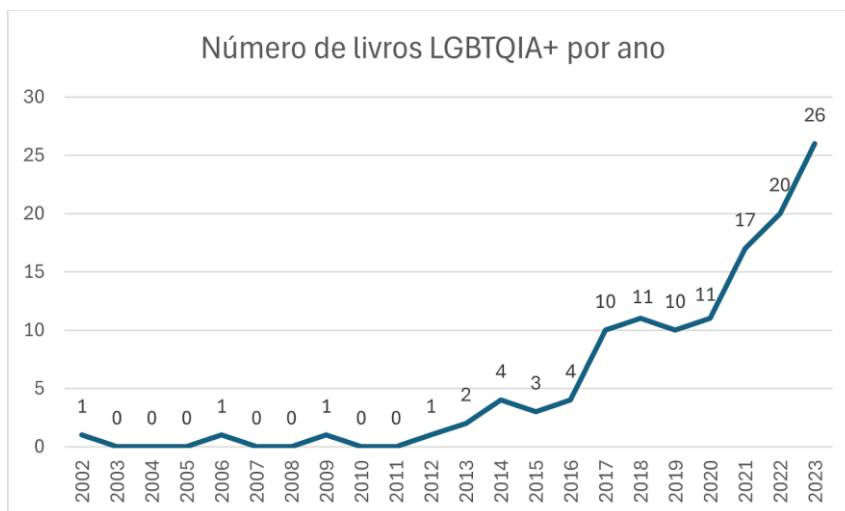
Figura 1 - Distribuição de livros por selo



Fonte: Autores, 2024

Em relação ao ano de publicação (Figura 2), é visível uma crescente de livros de literatura cuir a partir de 2020, com números mais expressivos começando a aparecer em 2017. O primeiro livro a integrar o *corpus* é do ano de 2002; isso não significa que não houvesse publicações antes de 2002, mas apenas que as editoras selecionadas podem não ter classificado certos livros como de temática cuir em seus catálogos naqueles primeiros anos. É válido notar que a literatura cuir como nicho de mercado é uma tendência de mercado nova. Não por acaso, é nos últimos anos da amostra que começam a aparecer livros na lista de mais vendidos do PublishNews, com *Com amor, Simon* se destacando em 2018 na categoria infantojuvenil. Outro exemplo é o sucesso de vendas *Heartstopper*, que está presente na lista dos mais vendidos de 2022. Ambos os casos são produções de sucesso no exterior trazidas para o mercado brasileiro.

Figura 2 - Tendência de publicação de livros cuir

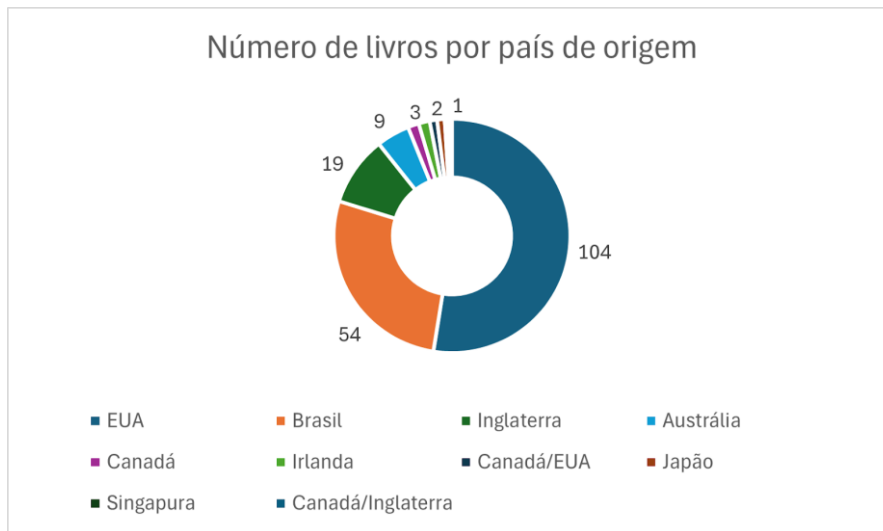


Fonte: Autores, 2024.

Ao analisarmos o país de origem dos autores (Figura 3 e 4), constatamos a dominância internacional, com 72,86% do total de lançamentos (145 títulos estrangeiros *versus* 54 nacionais). Vemos, ainda, a predominância de livros de língua inglesa, principalmente dos Estados Unidos, que representam 52,52% do total, com 104 livros, seguido pelo Brasil (54 livros) e pela Inglaterra (19 livros). Esses dados corroboram a alta incidência das traduções do mercado anglófono no mercado editorial brasileiro, em

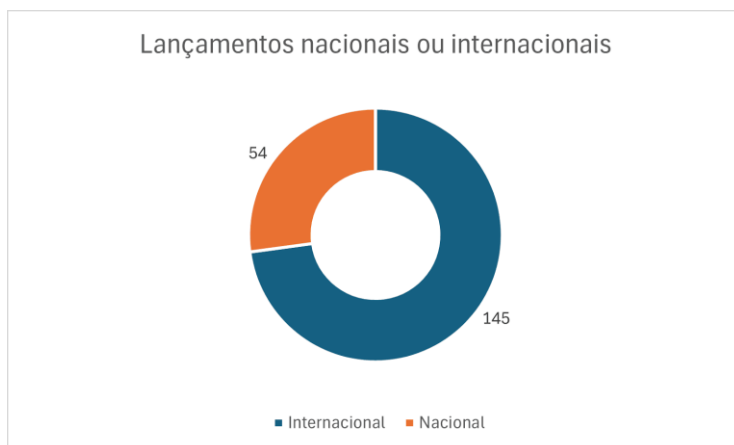
especial no catálogo dos grandes grupos editoriais, que buscam títulos de sucesso já comprovado no exterior, por representarem menor risco e maior probabilidade de retorno financeiro.

Figura 3 - País de origem dos autores



Fonte: Autores, 2024.

Figura 4 - Aglomeração estrangeiro ou nacionais

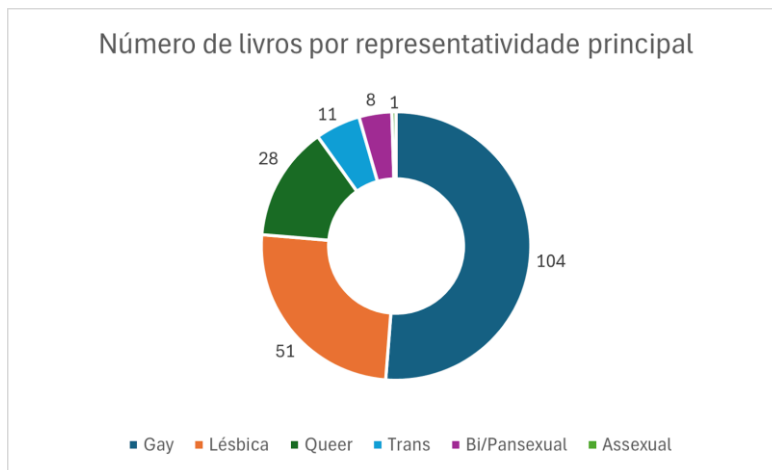


Fonte: Autores, 2024.

Com relação aos grupos de representatividade no universo cuir (Figura 5), encontramos 104 livros com temática gay (51,23%), seguido de lésbicas (25,12%), *queer* (13,79%), trans (5,41%), bi/pansexual (3,94%) e asexual com apenas um livro (0,49%).

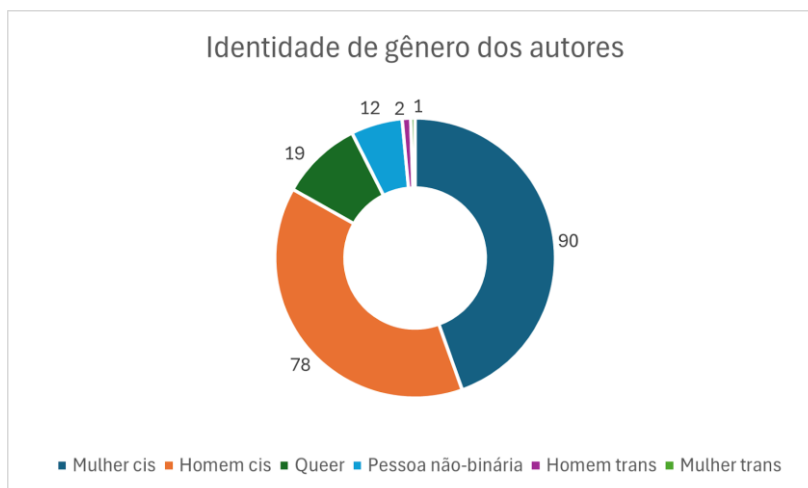
Muitos livros foram categorizados como *queer* pela incapacidade de identificar uma representatividade específica (por exemplo, livros categorizados como LGBTQIA+, mas cuja sinopse e cujas resenhas não permitiam uma classificação mais assertiva). A categorização dos títulos será refinada no decorrer da pesquisa, em especial a partir de dados coletados e analisados na fase qualitativa.

Figura 5 - Principal representatividade encontrada



Fonte: Autores, 2024.

Figura 6 - Identidade de gênero dos autores



Fonte: Autores, 2024.

Por fim, analisamos a identidade de gênero dos autores (Figura 6) por meio de dados disponíveis na mídia. Mostrou-se gritante a predominância de autorias cis: as mulheres cis constituem maioria (44,55%), seguidas de homens cis (38,61%), pessoas *queer* (9,4%), pessoas não-binárias (5,94%), homens trans (1%), com duas ocorrências, e uma mulher trans (0,5%). Pessoas *queer* foram consideradas segundo a mesma lógica dos livros *queer*. Por meio desses dados, é visível que o espaço de autoria nas grandes editoras brasileiras ainda não autoriza pessoas não cis a expressar seus pontos de vista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução ao livro *Cultura e Representação*, de Stuart Hall, Arthur Ituassu (2016) afirma que, em um mundo midiaticizado, o simples fato de não ser representado já denota uma opressão existencial. Segundo esse raciocínio, as ausências identificadas pela pesquisa até o momento se mostram como tema de urgente reflexão e ação.

Identificamos que a literatura cuir contemporânea publicada no Brasil é um espaço dominado por mulheres cis dos Estados Unidos que escrevem sobre homens gays. Essas são as características predominantes nesse “mapa de ausências”, para nos apropriarmos de mais um termo de Dalcastagnè (2012). Nesse mapa, as pessoas transexuais e não binárias encontram pouco espaço, tanto entre as autorias quanto nos enredos ficcionais, o que, em grande medida, reforça um conjunto de assimetrias de poder verificáveis no próprio universo LGBTQIA+.

Considerando-se esses dados à luz dos conceitos de bibliodiversidade e representatividade, pode-se dizer que o atual mercado editorial brasileiro não é verdadeiramente inclusivo: mesmo com o aparente crescimento no número lançamentos LGBTQIA+, esse universo se constitui principalmente por meio de narrativas que fazem sucesso, ou seja, ele se aproveita das demandas do público para gerar lucro. De uma perspectiva otimista, notamos o início de um movimento que quer dar voz às minorias, valorizando autorias trans na mesma medida que autorias cis; num viés mais pessimista, temos a reprodução estrutural das mesmas ideias, com formatos sutilmente diferentes, com pouco espaço para autores brasileiros e para pessoas não cis. Devemos ter cuidado, como pesquisadores e atuantes da cadeia produtiva do livro, para não contribuímos para a autocensura de mercado. Devemos buscar, assim, transformar um mercado fortemente

dominado pelas traduções e por vivências hegemônicas, de modo a construir um cenário mais bibliodiverso, em que a luta pelo espaço simbólico seja mais justa e menos calcada nos privilégios.

REFERÊNCIAS

ALIANÇA INTERNACIONAL DE EDITORES INDEPENDENTES (org.). Declaração Internacional de Editores e Editoras Independentes de 2014: Para Juntos Mantermos Viva e Fortalecermos a Bibliodiversidade. 2014. Disponível em: https://www.alliance-editeurs.org/IMG/pdf/declaracao_internacional_dos_editores_e_editoras_independentes_2014_brazil.pdf. Acesso em: 9 de jun. 2024.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BRITO, Leandro Teofilo de. Da masculinidade hegemônica à masculinidade *queer/cuir/kuir*: disputas no esporte. **Rev. Estud. Fem.** v. 29 n, 2, maio-ago. 2021. DOI: [10.1590/1806-9584-2021v29n279307](https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279307).

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012. Ebook.

ITUASSU, Arthur. Prefácio. *In*: HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicure, 2016.

LUGARINHO, Mário César. “Literatura de sodoma”: o cânone literário e a identidade homossexual. **Gragoatá**, v. 8, n.14. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33451>. Acesso em: 1 de jun. 2024.

SCHIFFRIN, André. **O negócio dos livros**: como grandes corporações decidem o que você lê. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.